

Uma versão mítica da origem do Carnaval

Ricardo Szpilman¹

Com feitos atléticos fantásticos nos jogos de Atenas, Androgeu, o filho do rei Minos, de Creta, despertou a inveja e a ira de alguns atenienses, de tal modo incomodados, que chegaram ao ponto de matar o príncipe.

Declarada a guerra entre a Atenas de Egeu e a Creta de Minos, a luta foi cruenta. Ambas as forças eram bravas e a luta prosseguiu até o momento em que Minos pediu a seu pai, Zeus, o todo poderoso do Olimpo, que mandasse uma peste sobre Atenas, de quem se vingava pela morte do filho.

Zeus deu tal ordem a Apolo e a cidade de Palas Atená foi tomada por uma praga que a deixou indefesa. Minos, vitorioso, cobrou como tributo aos atenienses que mandassem 7 rapazes e 7 moças, virgens, a cada 7 anos, para serem devorados pelo Minotauro.

Ao assumir seu lugar na corte de seu pai, Teseu, o herdeiro do trono de Atenas, já tivera a sua chegada precedida pela sua fama de destruidor de monstros, que corria rapidamente de boca em boca. Como o envio de jovens atenienses, já pela terceira vez, enfurecia à população da cidade, o herói se ofereceu para ir e acabar com este monstro, metade homem, metade touro. O rei Egeu fez de tudo para afastar tal ideia de seu filho, mas o orgulho de um herói, vivendo uma vida baseada na *timé*, na honra, não lhe permitia fugir à responsabilidade.

Com todos os preparativos prontos, o navio partiu para Creta, levando os jovens atenienses, entre eles Teseu. Lá chegando, o herói despertou o interesse da princesa Ariadne, filha do rei Minos. A princesa então fez com o herói um acordo: ela o ajudaria em sua missão e Teseu a levaria para Atenas, onde a desposaria.

Assim, Ariadne passou, discretamente, ao herói um novelo de lã de ouro e uma espada curta, que foram rapidamente escondidos por Teseu.

Ao serem soltos os jovens atenienses dentro do labirinto onde vivia o Minotauro, construído pelo grande inventor Dédalo e de onde ninguém conseguia achar a saída, Teseu foi desenrolando o novelo de lã dourada, para marcar o caminho, e seguiu, cauteloso, até achar o monstro, com quem lutou bravamente...

¹ Professor de Educação Musical da Unidade São Cristóvão II do Colégio Pedro II. É Mestre em Música (UNIRIO), Regente Coral, Compositor e Arranjador. ricardo@szpilman.com

Depois de quase ser morto pelo Minotauro, que o lançava de um lado para o outro, com patadas violentas, e quase o furou com seus chifres pontiagudos, Teseu conseguiu, enfim, enfiar a espada curta, que lhe fora dada por Ariadne, bem no coração do monstro, matando a fera.

Esperando até a noite alta, os atenienses seguiram a lâ de ouro e saíram do labirinto. Ariadne já os esperava num local combinado. Juntos, queimaram a frota cretense e fugiram em seu navio.

Pela rápida saída, o navio não possuía mantimento em geral ou água potável. Por isso, pararam na ilha de Naxos, para reabastecer. Lá, montaram um pequeno acampamento. Caçaram, colheram frutos e pegaram água. Depois, todos jantaram e dormiram.

Dioniso, que por lá passava, se apaixonou pela princesa cretense. Os deuses, então, vieram em sonho e explicaram a Teseu que Ariadne estava destinada a ser a companheira de Dioniso e que o herói deveria partir com os jovens para Atenas. Ele assim o fez.

Ao acordar, Ariadne percebeu que Teseu havia partido, mas quase não teve tempo para tristeza ou decepção, apenas algumas lágrimas caíram de seus olhos sinuosos. Vendo Dioniso - o deus do êxtase e do entusiasmo, do vinho e do teatro -, ela logo se apaixonou: foi flechada pelo Amor. Eles se casaram. Viveram um *hieròs gámos*, um casamento sagrado, e passaram a percorrer todo o litoral do mundo grego, a levar a alegria.

O casal vinha num barco cheio de vinho e flores. Em cada porto em que paravam, o barco era colocado em cima de uma “carreta”, que era puxada por bois e levada por toda a cidade, abrindo um tempo forte, um tempo mítico, instaurado pelo delírio da alegria coletiva, que quebrava o cotidiano, promovendo transformação, metamorfose, e aproximava o homem do divino por meio do sagrado rito da cidade em festa. Todos cantavam juntos, religiosamente e também sensualmente, sempre com muita música, muita dança, muito vinho, paixão, grãos e flores...

A este evento, em que o casal sagrado – auxiliando a própria fecundidade da Terra – percorria a cidade em cima de um barco, colocado sobre um carro de bois, com todo o povo o seguindo, a cantar e dançar, deu-se mais tarde em Roma o nome de *carrum navalis*. Este acabou, com o tempo, se transformando, pelo uso popular e passou a ser chamado de Carnaval.